



A revista *Habitus*, volume 16, número 02, de 2018, editada na modalidade de coletânea, traz uma variedade de artigos que dialogam com temas do domínio do campo do saber da antropologia, da arqueologia e da história. Dentro dessa pluralidade temática, os autores refletem e analisam, a partir da perspectiva histórico-antropológica, temas relacionados à questão indígena hispano-americana, sobre o Candomblé e alimentação, o trabalho de campo e a escrita etnográfica, bem como sobre espaços públicos e privados no que tange o trabalho doméstico. No âmbito da arqueologia os temas enveredam para a formação das coleções arqueológicas a partir do processo de pilhagem de seus objetos, a documentação arqueológica, patrimônio e documentação, etnicidade e nacionalidade na arqueologia brasileira, agenciamento e ressignificação de sítios pré-coloniais, cerâmicas e arte rupestre.

A revista inicia com o texto de Ingrid de Jong, intitulado *Guerra, genocídio y resistencia: apuntes para discutir el fin de las fronteras en Pampa y Norpatagonia, siglo XIX*. A partir das categorias de guerra e genocídio, a autora analisa a ocupação de territórios indígenas pelas campanhas militares na Argentina, conhecidas como Conquista do Deserto. Neste contexto, a autora apresenta os processos de guerra e de paz em um território de fronteira, bem como a reação de grupos indígenas diante deste processo. Ela traz algumas reflexões para se avançar nas investigações sobre a resistência indígena frente ao processo de ocupação de seus territórios, notadamente, os de Pampa e Patagônia. A autora constata que ainda não se progrediu muito nas análises sobre as formas de como os grupos indígenas resistiram ao avanço do estado sobre seus territórios. Considera a resistência como uma dimensão da ação indígena e que é necessária ser reconstruída, uma vez que permite se aprofundar nas lógicas

que dinamizavam estas populações e nas características do laço político pelo qual se articulavam com o Estado.

Em seguida temos o artigo *De líderes y seguidores. Estratégias políticas indígenas en la frontera*, de Luciano Literas e Lorena Barbuto. Os autores analisam a questão da liderança e da política dos povos do Pampa e nor-Patagônia, denominados como “índios amigos”. A partir da análise historiográfica sobre as experiências e trajetórias de três líderes indígenas, durante a segunda metade do século XIX, os autores procuram identificar as condições que possibilitaram a construção e o exercício de liderança num espaço de fronteira e de correlações de forças. A mediação foi um dos fundamentos da liderança dos “índios amigos”, tendo os caciques como interlocutores das relações diplomáticas interétnicas. Entretanto, as mudanças nas relações de forças nos espaços de fronteira impediram que esta mediação fosse adiante.

Na sequência temos o artigo de Marcos Júnior Santos de Alvarenga, denominado *O Candomblé começa na cozinha: alimentação, aprendizado e transformação*. O autor foca no Candomblé, mais precisamente, no universo da cozinha e da alimentação, dois elementos centrais do cotidiano dos terreiros, chamando atenção para a importância da compreensão dos aspectos físicos, comportamentais e simbólicos da cozinha de um terreiro de Candomblé. Para ele, a cozinha tem como centralidade o ideário religioso que estrutura as relações no interior de um terreiro e onde se prepara os alimentos e pratos sagrados, bem como centraliza emoções, receitas, ensinamentos, sentimentos e histórias dos filhos e filhas de santo.

Tadeu Lopes Machado traz o artigo *Afinal, como nasce um texto etnográfico? As tramas do percurso do trabalho de campo e a escrita etnográfica*. O autor faz uma análise sobre a pesquisa de campo e sua contribuição para a propositura do texto etnográfico a partir do diálogo com alguns autores clássicos da antropologia. Inicialmente, aborda sobre o trabalho de campo e a observação participante, enquanto recurso metodológico, bem como sua importância para a antropologia. Posteriormente, o autor reflete sobre os caminhos que levam à construção das narrativas antropológicas para a composição da redação do texto etnográfico, interagindo com os dados de sua pesquisa de campo com o povo Palikur.

Sobre espaços públicos e privados no trabalho doméstico em Pelotas/RS é o artigo escrito pelas autoras Marta Rodrigues, Letícia Maciel e Liza Bilhalva, que analisam o universo das trabalhadoras domésticas do Rio Grande do Sul, a partir de uma perspectiva de ambientes públicos e privados, focando na materialidade referente à casa contratante dos serviços, onde as divisas sociais são bem demarcadas. Para as autoras, alguns aspectos desta atividade permanecem praticamente imutáveis desde o fim da escravidão oficial no Brasil. Dialogando com os preceitos da Arqueologia, elas buscam compreender como ocorrem as relações entre domésticas e contratantes nos espaços públicos e privados.

O artigo *Coleções centrais ou locais? repatriação no contexto arqueológico da Amazônia* foi redigido por Emilly Cristine B. Santos. A autora faz uma análise historiográfica sobre a trajetória do processo de pilhagem de sítios arqueológicos, ocorrido nos séculos XIX e XX, respaldado pelas teorias científicas da época, o que resultou na formação de grandes coleções museológicas, nacional e internacional. A partir desse contexto, são apresentadas algumas coleções arqueológicas da Amazônia, com ênfase em Marajó, bem como uma reflexão sobre a repatriação/restituição dessas coleções.

Luydy A. Fernandes e Carlos Alberto S. Costa com o artigo denominado *Procedimentos iniciais de documentação sobre coletas arqueológicas no laboratório de documentação e arqueologia – UFRB*, tratam da normatização adotada nos museus e laboratórios, apresentando como estudo de situação a entrada de uma coleta de campo arqueológica no Laboratório de Documentação e Arqueologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (LADA/UFRB).

Com o artigo *Igrejas remanescentes dos acampamentos de obras de Brasília: patrimônio, discurso e documentação*, Daniela Pereira Barbosa e Maria Fernanda Derntl discutem sobre patrimônios culturais pouco conhecidos de Brasília. Fazem uma análise documental dos processos de tombamento de duas Igrejas remanescentes de acampamentos de obras desta cidade: Igreja São Geraldo, localizada no Paranoá e São José Operário, na Candangolândia. As autoras discutem não somente a materialidade destes patrimônios, edificados em contexto histórico e arquitetônico particular e pouco conhecido, como também trazem reflexões sobre as relações da população com estes bens culturais.

Implodindo Luzia: traçando a construção de raça, etnicidade e nacionalidade na arqueologia brasileira, de Marcus A. S. Wittmann, trata da construção do conhecimento gerado a partir do hominídeo até o momento, considerado o mais antigo do Brasil, e denominado de Luzia. Por meio do conceito de implosão e *folded objects* faz uma reflexão sobre o impacto de Luzia, considerada como a 'primeira brasileira', nos debates sobre raça, etnicidade e nacionalidade.

Marcelia Marques, baseada em pesquisa de dois sítios arqueológicos de arte rupestre, que apresentam ossos humanos de período histórico em seu interior e, localizados no Estado do Ceará, escreve o artigo *Resistência multivocal: agenciamento e ressignificação de sítios pré-coloniais* a fim de discutir acerca das diferentes narrativas que envolvem os bens arqueológicos.

O artigo: *Cerâmicas Koriabo e problematizações iniciais sobre a arqueologia na foz do rio Xingu*, de Glenda Consuelo B. Fernandes, Helena Pinto Lima e Anna Browne Ribeiro, apresenta resultado de pesquisa realizada no baixo Amazonas, foz do Rio Xingu, área pouco conhecida na arqueologia Amazônica. As autoras trazem a contribuição do conjunto cerâmico Koriabo para entendimento da formação de terra preta e, numa perspectiva mais ampla, trazem o potencial deste conjunto cerâmico para compreender, dentre outras possibilidades, redes de conexão entre este e os povos falantes de línguas *Carib*.

O artigo, *Um breve panorama sobre a arte rupestre no Amapá*, de Mariana P. Cabral, João Darcy de M. Saldanha e Lúcio Flávio S. C. Leite, apresenta dados inéditos sobre sítios de arte rupestre de região pouco conhecida do Brasil, o Amapá. Trata-se de resultados iniciais, mas que demonstra a potencialidade dos sítios e contribui para a ampliação do conhecimento da arqueologia na região.

Dois resenhas integram este volume: na primeira, Fernanda Codevilla Soares analisa a obra *Coming to senses. Topic in Sensory Archaeology*, organizada em 2015, pelos editores José Roberto Pellini; Melisa Salerno e Andres Zarankin; a segunda foi realizada por Marcos Rodrigues, sobre o livro de Joana Flores, publicado em 2017 e intitulado *Mulheres negras e museus de Salvador: diálogo em preto e branco*.

Caroline F. Caromano finaliza o volume 16, n. 2, da Revista *Habitus*, com o resumo da sua tese de doutorado. *Botando lenha na fogueira: um estudo etnoarqueológico do fogo na Amazônia*.

Agradecemos a todos e todas que contribuíram para a consolidação desse volume da revista *Habitus*, voltado a temas contemporâneos em antropologia, arqueologia e história. Esperamos que a leitura dos artigos, resenhas e resumo contribua para a ampliação do conhecimento e estimule o fortalecimento de novas pesquisas.

Sibeli A. Viana

Arqueóloga e Professora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia
Escola de Formação de Professores/Programa de Pós-Graduação em História
da PUC Goiás

Marlene C. Ossami de Moura

Antropóloga e Professora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia
Escola de Formação de Professores/Programa de Pós-Graduação em História
da PUC Goiás